

* Sob o foco

Aurélia Thierrée

Como uma espécie de *Alice no País das Maravilhas* em versão adulta, Aurélia Thierrée vem ao Festival de Almada explorar fronteiras: entre sonho e loucura; entre circo, teatro ou dança; e entre o seu universo artístico e o universo familiar que carrega enquanto filha de Victoria Thierrée-Chaplin e neta de Charlie Chaplin.

Começar o espectáculo sem abrigo é um eco de actualidade?

Não é bem sem-abrigo. O edifício onde ela vive está a ruir e por isso é obrigada a deixar a casa onde vive. Tem mais a ver com memória e com loucura.

É um espectáculo sobre loucura?

É um espectáculo complicado. Ainda o estou a descobrir. Mas acho que tem tudo a ver com o mundo do sonho, o mundo da loucura e a estreita linha que separa esses dois mundos.

Onde fica a realidade?

O mundo real pode ser completamente louco. E também pode ter qualquer coisa de onírico. É essa a linha que se está sempre a atravessar.

Há alguma coisa de Alice no País das Maravilhas?

Já me têm dito isso e sinto sempre que é um grande elogio.

Não é uma opção consciente. Mas a ter alguma coisa de Alice seria sempre um pouco mais louco, porque aqui é uma mulher adulta e não uma criança cheia de fantasias.

Este é um mundo íntimo ou é apenas a personagem?

Eu nem sei quem eu sou. Por isso em algumas noites sou mais personagem e noutras sou mais eu. O trabalho tem de ter sempre alguma coisa de

pessoal para ser verdadeiro. Mas claro que eu não ando a lutar contra criaturas feitas de cartão ou plástico.

Ajuda ter sido preparado para si pela sua mãe?

Continuo a achar um milagre trabalharmos juntas. Não é habitual que uma mãe e uma filha trabalhem assim e nós continuamos a ter esta cumplicidade.

Sente a responsabilidade de carregar um universo artístico familiar?

Existe um universo comum, temos coisas semelhantes, mas também somos todos muito diferentes. O meu avô inspira gerações, é um modelo para muita gente, e nem por isso as pessoas fazem um trabalho semelhante ao dele. Continuo a dizer que quando a cortina sobe só estou lá eu. Qualquer artista tem de encontrar a sua voz, independente das pessoas incríveis que existiram antes dele. E a responsabilidade está sempre lá quando alguém paga um bilhete para nos ver.

Catarina Homem Marques

